

# EU VI QUE O POVO NÃO QUER NADA COM MATSANGAÍAS

19/7/82

— ABICHA WANAI CALÇÃO, ELEMENTO FUGIDO DOS BANDOS ARMADOS

Texto de: Jacinto Khossa  
Fotos de: Luis Souto

Quando a BOSS, Serviços Secretos sul-africanos, criou em conluio com a Special Branch da antiga colónia Britânica da Rodésia do Sul, o chamado Movimento Nacional de Resistência, tinham por objectivo apresentá-lo como uma alternativa ao Poder Popular implantado com a proclamação da Independência Nacional. Esperavam assim conseguir uma maioria volunária para aquilo a que chamam de «força de oposição».

Contudo, e porque outra coisa não podia ser, o tiro saiu-lhes pela culatra: o Povo não arredou pé. Mas firme e com vigor reforçado depositou incondicionalmente o seu apoio à Frente Única e verdadeiro representante dos seus interesses e anseios. Todavia, a manobra não deixou de esboçar-se. Os moçambicanos degenerados que, na moçambicana degenerada que, em a derrota do colonialismo, não estavam já habituados a viver de joelhos e preferiam não se desabilitarem vivendo de pé como homens.

Foram estes amantes do servilismo que acudiram com prontidão ao chamamento dos seus paisões e constituíram o primeiro destacamento operativo do braço dos exércitos sul-africanos e rodésianos em Moçambique. Esperavam ainda vir a conseguir uma base popular. Mas esse Povo de que tanto esperavam enganar não nasceu ontem.

E assim que passam a uma outra fase: a de recrutamento forçado de cidadãos moçambicanos. Estes, após o rapto são submetidos a um rápido treino de como manejar uma arma e depois postos em terreno para reproduzir noutros os tratamentos de que foram vítimas.

Alguns destes moçambicanos rapto, numa determinada fase, chegam a assumir a criminalidade. Chegando assim a ocupar postos ou lugares de chefia, a mercar as mais altas confianças dos chefes da quadrilha. Mas de uma coisa eles estão certos: não longe dos seus pais, irmãos e irmãs e demais familiares. De outra coisa eles estão certos: não sabem por quem é que têm de morrer. Não sabem porque não podem pedir esclarecimento. Não se pode fazer perguntas, e quem pergunta porque é que estamos a lutar é logo morto — diz Abicha Wanai Calção. E os racistas sul-africanos dizem que, porque assim é, o amado MNR egozava de uma população crescente. Mas por mais estranho que pareça, esta população não é a razão que levou centenas de elementos dos bandos armados a desertar em vagas sucessivas. Mesmo aqueles que tinham sido aliciados com postos de chefia desertaram. Para já conversámos com alguns deles:

Posto ou Categoria nos «BA»: Comandante.

Encontramos Abicha Wanai Calção, aliás John Musara, na cidade de Chimio, cidade para onde foi entregado após desertar dos fileiras marxistas dos «Matsangaísa». Aliás ele era trabalhador da COGROPA nesta mesma cidade. Abicha Calção é um jovem com domínio de si próprio. Quando fala, fá-lo com desenvoltura embora todas as ideias sejam formuladas em inglês, língua sobre a qual de em um considerável domínio. Estudou até ao sétimo grau e tem a quarta classe de português.

PERGUNTA: — Como é que você chegou a comandante?

ABICHA WANAI CALÇÃO: — Depois dos tremos fomos levados para Macate. De Macate saímos com destino a Gorongosa, mas pelo caminho tivemos que alterar a rota porque fomos surpreendidos pelas FPLM. Fomos até Goi-Goi Comercial. Foi aqui onde o comandante confiou-me a responsabilidade de chefiar um dos acampamentos, com o cargo de comandante. Eu tinha sob as minhas ordens vários homens que eram responsáveis pelo abastecimento (isto na linguagem pratica quer dizer: responsável pelo roubo de géneros e bens da população). Certo dia, o comandante reuniu-nos e disse que devíamos ir a Revuê Central. Fomos lá mas encontramos uma posição das FPLM. Houve disparos e nós tivemos que fugir e voltámos para Goi-Goi Comercial. Foi a partir deste combate que eu comecei a pensar seriamente em fugir. Não estava a ver nenhum progresso na minha vida. A população está contra nós. Para conseguirmos alimentação tínhamos que utilizar a força. Vi que nada do que citam a correspondência à verdade. Então fugi.

P. — Quando você fugiu para onde é que se dirigiu?

AWC — Foi para casa.

P. — E como é que você foi parar aos matsangaísa?

AWC — Eu trabalhava na COGROPA em Chimio e, em 1978, resolvi ir visitar os meus pais em Rutanda. Estava na machamba dos meus pais quando me apareceu um homem armado que me chamou e disse: você está a ver isto? Eu disse que sim, é uma arma. Então ele disse: quero que você também pegue na arma. Eu disse que não, que queria continuar a trabalhar no local onde eu estava, na COGROPA. Ele disse que não queria saber disso e que também ele tinha sido obrigado a pegar naquela arma. Agradou-me à vontade e apontou-me a arma ao peito ameaçou-me de morte. Como o tive medo, fui com ele.

P. — Durante o tempo que você esteve lá, chegou a saber para que é que leva que pegar na tal arma?

AWC — Não.

P. — Porquê?

AWC — Os porquês não sei porque não se pergunta. Se você pergunta, se você não fizer aquilo que eles querem, logo é matado. Quando ver que este quer saber coisas da política deles é matado. Então é preciso que você saiba sozinho que eu estou numa situação má. Então tenho que fazer isto, isto, isto, sozinho...

P. — Que tipo de vida se levava lá na sua base?

AWC — A vida lá era muito dura. Muito má mesmo. Não se come nada, quer dizer, come mas de vez em quando.



Abicha Wanai Calção — «Eu fugi porque a lá só há sofrimentos»

do. Quem fala mal, é matado. Quem faz coisa que não «merece» logo é matado.

A INTIMIDAÇÃO DO POSTO DE COMANDO

AWC — Por exemplo, quem pergunta por que é que estamos a lutar logo é matado. E quando se dá uma missão, se você não conseguir cumprir ela deixam, mas para a outra vez se você não conseguir outra vez eles matam. Dizem que você não está a cumprir aquilo que eles querem.

P. — E se fugisse o que é que eles dizem que acontecia?

AWC — Eles diziam que se tentasse fugir, caso fosse apanhado seria morto e matavam mesmo. Por isso se fugir tem que fugir mesmo, ir. Diziam

também que não vale a pena vocês pensarem em fugir porque lá mata-se, lá destruíram carros, aldeias. Se fugirem a Frelimo há-de cortar-vos o pescoço. Eles dizem isto...

Abicha Wanai Calção a John Musara não chegou a completar a sua expressão. Respirou fundo, como que a lembrar-se do que podia ter acontecido se a fuga que realizou tivesse resultado num fracasso.

A FORMAÇÃO

P. — Que tipo de instrução tiveram?

AWC — Devam aquela instrução de boer. Eles davam aquela instrução de que não pode dormir no chão (picar). Fazer fogo em movimento. Não há recurso. Diziam que devíamos ser pessoas corajosas e tá fuma-se suruma para não ter medo por causa da suruma que fumam.

P. — Você fumava apurás?

AWC — Sim fumava.

P. — Como é que é e quantos vezes ao dia?

AWC — Quer dizer, a suruma são os chefes que dão, que distribuem pelas pessoas. Obrigatoriamente tem que fumar, quer ou não quer tem que fumar.

P. — Em que momentos é que isso acontecia?

AWC — A qualquer momento, nas manhãs, de tarde, à noite...

P. — Para quê?

AWC — Os porquês é que não sei porque eles só dão. Não se pode perguntar porque é que estou a fumar isto porque logo é matado. Você é diabo e tem que fumar porque está aí com ordem...

Esta atitude encontrá-a reflectida num livro que li sobre a batina de Estalinegrado, nos tempos da Segunda Grande Guerra Mundial. Também os Generais «SS» agiam assim. Tudo quanto constituísse curiosidade de parte do soldado alemão equivalia ao seu passaporte para o mundo dos mortos.

P. — E porquê é que vocês andam a queimar aldeias, lojas e carros?

AWC — Como já disse os porquês são os chefes grandes é que sabem. Eles é que escolhem grupos para queimar aldeias, grupos para queimar lojas, grupos para queimar carros... Mas há pessoas que queimam casas, destroem carros e cortam orelhas. A maioria destas pessoas faz isso porque lhe mandam e com aquela suruma que fuma fica sempre má e gosta de ver sangue!

P. — Quando alguma coisa teosa ferido como é que era tratado?

AWC — Quando é no combate e se ele foi ferido e houver possibilidades de levá-lo levava-se para a base a fim de lá ser tratado. Se não mata-se. Se apanhou tiro na perna é corte-se a perna.

P. — Vocês conheciam-se a todos?

AWC — Não. Quando a gente estava para sair, o comandante a consultar o «Mudzlimo» (felicetador) e este falava-lhe no caminho que «amos tomar».

DISPARA PRIMEIRO E PERGUNTA DEPOIS

Esta é a sigla dos bandos armados, visto não se conhecerem ao nível da linguagem corrente senão atavam elementos estranhos à sua frente a logo tiro, porque não sabe da quem é que se trata.

QUEM ESTÁ POR DETRAS DO BOMBÓ?

P. — A tua gente estava toda armada?

AWC — Sim.

P. — Onde é que arranjaram as armas?

AWC — As armas vêm da África do Sul.

P. — Como é que sabe?

AWC — O armamento vem de avião ou de helicóptero. Eu vi em Mossurta (ex-Statonge) antes de a base ser destruída, chegar um desses aviões. Há uma caixa grande não é? O avião não chega a descer; então eles deixam a caixa com... Coja aquilo que os ingleses dizem os «Para-Chuissas» (Para-quedas) e logo as pessoas vão saltar a caixa a tirar todo o armamento que está aí dentro.

P. — Você era um comandante, tinha homens à tua ordem. O que você fez com eles durante o tempo que tá estava a a tua acção a tua conclusão te levou?

AWC — É muito difícil explicar, mas eu nunca consegui com esses homens, em 4 anos, poupar uma aldeia comunal. O povo também não quer «Matsangaísa». Por isso é que a gente tinha que tirar tudo à força. Por como lado ninguém sabe o que está lá a fazer. Logo é dado ordem tem que fazer isto, isto, isto, então ele faz mas não sabe por que é que está a fazer e porque é que está a dar tiro.

O FILHO PRÓDIGO...

Por caminhos é em obediência a razões que o próprio diz desconhecer. Abicha Wanai Calção ou seja John Musara chegou a comandante. Tinha sob seu comando e capricho alguns homens. Mas, a certa altura ele descobriu-se de que tinha em lar (por ironia do destino, do local onde estavam a conversar com ele distava cerca de algumas centenas de metros), uma família, um pai, uma mãe, irmãos e primos fugiu porque aquilo só me trazia sofrimentos. Eu tinha que fazer logo contra as FPLM, quando eu tenho primos e irmãos nas FPLM. Eu fui chefiado, mas nunca quis lá ficar. Se fiquei muito tempo é porque não tinha coragem de fugir. Tinha medo de ser morto por eles ou então pela Frelimo como eles andavam a dizer. Mas mesmo assim cheguei à conclusão de que devia fugir. Vi que não estava certo. O meu pai está do lado da Frelimo e vive bem. Eu ganhava três mil escudos na COGROPA e tinha a minha vida bem.

FICHA BIOGRAFICA

Nome: Abicha Wanai Calção.  
Também conhecido por: John Musara.  
Idade: 22 anos.  
Naturalidade: Rutanda — Manica.  
Nacionalidade: Moçambicana.  
Forma de aliança com os «BA»: Rapado.  
Tempo que ficou: 4 anos (1978 a Abril de 1982).